

## **As críticas ao elenco radiofônico pela Coluna No DIAL do Jornal A Crítica, Manaus-AM (1949 a 1950)**

*Lucyanne de Melo Afonso*

*Universidade Federal do Amazonas –lucyanneafonso@ufam.edu.br*

*Rosemara Staub de Barros*

*Universidade Federal do Amazonas –rosemarastaub@ufam.edu.br*

**Resumo:** O artigo descreve as representações dos cantores de rádio na perspectiva da Coluna No Dial, do periódico A Crítica, entre os anos 1949 e 1950 em Manaus-AM, apresenta uma contradição com o jornal do Comercio em que noticiava o talento vocal e as habilidades musicais. Este estudo faz parte da pesquisa de tese sobre o Cotidiano Musical radiofônico em Manaus no período de 1943 a 1964. Compromisso, comportamento, performance, espaços e valorização eram palavras-chaves para o direcionamento das críticas e que perfaziam as trajetórias dos artistas e das rádios.

**Palavras-chave:** Rádio na Amazônia. Cotidiano musical radiofônico. Cantores de rádio. Música em Manaus. Crítica e música em Manaus.

**Criticism of the radio cast by the column No DIAL of Jornal A Crítica, Manaus-AM (1949 to 1950)**

**Abstract:** The article describes the representations of radio singers from the perspective of Coluna No Dial, from the periodical A Crítica, between 1949 and 1950 in Manaus-AM, and presents a contradiction with the newspaper do Comercio in which it reported on vocal talent and musical skills. This study is part of the thesis research on Radiophonic Musical Daily Life in Manaus from 1943 to 1964. Commitment, behavior, performance, spaces and appreciation were key words for directing criticism and that made up the trajectories of artists and radio stations.

**Keywords:** Radio in the Amazon. Radio music everyday. Radio singers. Music in Manaus. Critics and music in Manaus.

### **1. Introdução**

Cada sociedade em seu determinado contexto elabora seu estilo de vida, em que é vivenciado no comportamento das pessoas e nas ações cotidianas, ou seja, “o estilo de vida de uma época é, dessa maneira, um comportamento que exprime uma certa concepção do mundo, a qual, por sua vez, nada mais é que uma eflorescência do espírito subterrâneo da vida” (BASTIDE, 1979, p.194). Le Goff (2013) exorta que a história da história não deve se preocupar somente com a produção histórica profissional, mas com “todo um conjunto de fenômenos que constituem a cultura histórica, ou melhor, a mentalidade histórica de uma época” (p.50).

A arte transforma não somente as relações e os significados, mas abre possibilidades de transformação do próprio corpo e nos faz pertencer a este cenário artístico e real. Tendo ou não conhecimento de mitologias, lendas etc, vivemos histórias herdadas ou experiências epocais num jogo hermenêutico. A obra de arte é que irá fazer o movimento do jogo se tornar significativo onde as experiências inundam os olhares de cada sujeito, de cada jogador que faz parte daquele momento e se representa. Cada cultura vai criar variados jogos que irão movimentar as experiências e cada sujeito escolhe como irá participar.

Como se sabe, costuma-se falar do elemento de jogo que é próprio a todas as culturas humanas. Descubrem-se formas de jogo nas atividades humanas mais sérias, por exemplo no culto, na justiça, no comportamento social em que fala diretamente de um jogo de papéis etc. (GADAMER, 2010, p.50)

O artista, neste caso, o elenco das emissoras, inicia um processo de jogo natural em que busca uma representação de si mesmo: de sua própria subjetividade e de sua imagem social, pois o jogar é um processo natural e o seu sentido é a representação de si mesmo. Neste artigo vamos conhecer as representações dos cantores de rádio na perspectiva da Coluna No Dial, do periódico A Crítica, entre os anos 1949 e 1950 em Manaus-AM, e há uma contradição com as notícias do jornal do Commercio em que noticiava tudo com muito brilhantismo, talento vocal e habilidades musicais dos cantores do rádio em Manaus.

## **2. As críticas ao elenco no cotidiano radiofônico na Coluna No DIAL do Jornal A Crítica**

A grade de programação das emissoras de rádio de Manaus<sup>1</sup> estava constantemente sendo anunciada nos periódicos locais e na Revista do Rádio (nacional). A Rádio Baré era a única emissora em Manaus que fazia parte dos Diários Associado de Assis Chateaubriand permitindo ter uma estrutura padronizada, artistas do eixo Rio-São Paulo em constantes apresentações em Manaus e a divulgação em jornais e na Revista do Rádio Nacional.

Quando lemos as notícias sobre o elenco das emissoras no Jornal do Commercio<sup>2</sup>, principalmente daqueles que faziam parte da Rádio Baré, tudo é espetacular, a estrutura da emissora seguiu formas e estilos das rádios do Sul.

---

<sup>1</sup> As Rádios Baré, Difusora e Rádio Mar foram as principais rádios entre as décadas de 1940 a 1960.

<sup>2</sup> O Jornal do Commercio também fazia parte dos Diários Associados de Assis Chateaubriand juntamente com a Rádio Baré.

V Simpósio Internacional Música e Crítica  
Centro de Artes – Universidade Federal de Pelotas  
22-23 de novembro de 2021

Como sempre o que se anuncia para hoje é um dos maravilhosos “shows” que periodicamente são apresentados pela “mais querida” quando o valor intrínseco do “cast” associado vive momentos de grande animação, apresentando verdadeiras criações na difícil arte de representar. As interpretações que os artistas “associados” dão nos espetáculos da “Maloca dos Barés” servem de prova concreta de que nossa gente e nossa terra possui do melhor que se possa exigir no terreno da arte representativa. (Jornal do Commercio, 04 de dezembro de 1949)

No jornal A Crítica, o próprio nome já indica, lá estavam as críticas ao elenco e à programação das rádios. Há como justificar a linguagem do Jornal do Commercio, o qual fazia parte dos Diários Associados de Assis Chateaubriand, logo a notícia, além de institucional, estava atrelada a um ciclo de mercado e consumo, a notícia como venda dos produtos.

O Jornal A Crítica, por sua vez, detalha as relações de conflitos existentes do cotidiano artístico radiofônico, nem tudo eram flores no Olimpo Vale Amazônico<sup>3</sup>. A Coluna *no DIAL* diariamente até meados de 1954 apresentava o cotidiano radiofônico de outra forma:



Figura 01: Coluna *no DIAL* do Jornal A Crítica.. Fonte: Jornal A Crítica, 04 de agosto de 1950<sup>4</sup>

A coluna apresenta fatos relacionados aos espaços, compromissos e performances dos artistas, alguns são elogios e muitos outros são críticas duras que podem custar a imagem e a carreira do elenco.

É a própria lógica do campo que tende a selecionar e a consagrar todas as rupturas legítimas com a história objetivada na estrutura do campo, isto é, aquelas que são o produto de uma disposição formada pela história do campo e informada dessa história, portanto, inscrita na continuidade do campo (BOURDIEU, 1996, p.274)

<sup>3</sup> O monte Olimpo na mitologia grega é a morada dos deuses do Olimpo; no contexto amazônico insere-se Vale Amazônico: monte Olimpo Vale Amazônico. Na geografia, *vale* significa um complexo de montanhas e colinas, geralmente são formados por atividades fluviais, a característica da geografia amazônica já induz a esta imensidão de vales formados pelo Rio Amazonas.

<sup>4</sup> Imagem de divulgação da coluna no jornal A Crítica, em todas as notas estava presente.

V Simpósio Internacional Música e Crítica  
Centro de Artes – Universidade Federal de Pelotas  
22-23 de novembro de 2021

A crítica é uma forma de valorizar o artista, de legitimar no mercado radiofônico e consagrar pela sua trajetória construída, esta mesma crítica é móvel que pode te levar ao topo do sucesso te colocando em uma melhor posição social ou mesmo decair rapidamente.

Toda trajetória social deve ser compreendida como uma maneira singular de percorrer o espaço social, onde se exprimem as disposições do *habitus*; cada deslocamento para uma nova posição, enquanto implica a exclusão de um conjunto mais ou menos vasto de posições substituíveis e, com isso, um fechamento irreversível do leque dos possíveis substituíveis. (BOURDIEU, 1996, p.292)

A lógica da cultura de massa é esta substituição rápida, pois o produto cultural deve ter qualidades, sentidos e prazeres estéticos e atuar na imaginação dos espectadores e ouvintes. Neto (Aristóphano Antony, 2017) salienta que a boa qualidade sonora interfere na escolha de uma rádio.

A rádio tem que ter músicas, o carro chefe de uma rádio de uma emissora, primeiro lugar o que uma rádio tem que ter, o pulmão de uma rádio é o som, a boa qualidade, se você não tem um bom som e a outra tem, tu não vai mais ouvir aquela rádio, você não vai conseguir entender, aí você sabe que o som vem dos transmissores já instalados. (NETO, Aristóphano Antony, 2017)

As palavras expressas nos jornais representam esta lógica: são um eco dos espectadores presentes nos parques radiofônicos e nas audições das rádios, selecionando e consagrando a estrutura do campo artístico.

Apresentaremos algumas críticas levantadas no jornal A Crítica para conhecer que nem tudo era encanto, facilidade e luxo. Neste contexto, havia descompromisso, falta de estrutura e musicalidade, isto definia as trajetórias individuais dos artistas e as trajetórias coletivas numa perspectiva das emissoras das rádios e suas audiências.

Compromisso, comportamento, performance, espaços e valorização eram palavras-chaves para o direcionamento das críticas e que perfaziam as trajetórias dos artistas e das rádios.

## COMPROMISSO

Cumprir e respeitar horários nos compromissos era uma obrigação à construção da profissionalização e da imagem.

Outros “azes” do microfone caboclo que merecem a consideração de seus chefes e companheiros, **por serem respeitadores e cumpridores** de suas **reaes obrigações**

V Simpósio Internacional Música e Crítica  
Centro de Artes – Universidade Federal de Pelotas  
22-23 de novembro de 2021

são: Angelo Amorim, Clovis de Carvalho, Julio Otavio, Formiginha, Airton Pinheiro, Reginaldo Avier, Alfredo Fernandes, Carlos Leal, Josaphat Pires, Jorge Araújo, Correa de Araújo, Dantas de Mesquita, Miranda Braga, Ruy Adriano, Sérgio Roberto, Santos Ferreira, Carlos Fonseca e muitos outros que não nos corre no momento. (A Crítica, 16.09.1949) [grifo nosso]

## COMPORTAMENTOS

A conduta e os bons costumes do elenco das rádios eram essenciais para a manutenção do público e da audiência do parque radiofônico.

Tudo neste mundo tem limites, só o que parece não ter, é o **excesso de confiança** que certos “animadores” de programas de auditório, talvez a mando de “patrões, dão a espectadores inescrupulosos que **se excedem em palavrões** e os mais indecorosos que **afastam e afastarão as famílias desses recintos libertinos**. Já que não contamos com a polícia **de costumes**, seria excelente se o locutor chamasse a atenção do três indesejáveis, **para não melindrar o pagante** (A Crítica, 07.10.1949) [grifo nosso]

## ESPAÇOS

Os espaços citados referiam-se aos programas ao ar livre da Rádio Baré, a Maloca dos Barés, e da Rádio Difusora, a Festa da Mocidade. A falta de estrutura dos parques radiofônicos não condizia com os preços cobrados e a efetiva programação dos shows, onde muitas vezes não finalizavam em decorrência das chuvas, prejudicando o artista contratado, o público pagante e o significativo cachê pago aos artistas, havendo prejuízos financeiros para ambas as partes.

As emissoras locais, lançam-se à arena para dar combate ao tempo invernoso que, de quando em vez, mostra suas unhas, recolhendo-se em seguida, parecendo-nos temeroso, ante as investidas corajosas da Difusora e Baré. E assim continua a peleja do rádio **com vultuosos contratos e volumosos preços de entrada**. (A Crítica, 08.11.1949) [grifo nosso]

Teremos **uma pausa forçada** de esbanjamento de dinheiro e o comércio local, viga mestra da economia estadual, respirará um pouco de oxigênio para poder **sanar seus múltiplos compromissos** há muito **estagnados e prejudicados** pelas **festas ao ar livre**. (A Crítica, 10.11.1949) [grifo nosso]

Ninguém sai de casa, olhando lá do alto as **nuvens ameaçadoras, cheias de chuvas**. Tudo isso **prejudica os bons programas** feitos sob a **coberta do próprio céu azul** cheio de estrelas (no verão). Pagar para assistir um espetáculo e **de lá sair molhado** que nem pinto, ninguém se atreve. (Jornal A Crítica, 18.01.1950) [grifo nosso]

## PERFORMANCE

As críticas relacionadas às performances, às belas vozes e à perfeição do artista, geralmente, a maioria eram muito “duras”, metaforicamente eram para “derrubar” a carreira e

V Simpósio Internacional Música e Crítica  
Centro de Artes – Universidade Federal de Pelotas  
22-23 de novembro de 2021

desvalorizar o talento, algumas estavam relacionadas às responsabilidades e outras às qualidades técnico-artísticas. É um tanto risível a forma da escrita, popular e informal nas palavras.

Silvia Lene por ocasião do programa carnavalesco de ontem nos estúdios da Baré, **abriu tanto a guela, que parecia um trem apitando e nunca uma cantôra de radio...** mais atenção Dona Silvia, porque senão estaremos aqui lhe **“marretando” toda a vida... ouviu?**

Braz de Oliveira, é outro cantor que vem **merecendo** há muito, as **nossas “pauladas”** pelas suas **péssimas interpretações**. O “seu” Braz é amicíssimo dos **“errrrrrres”**... abandone os “errrrrrres” “seu” Braz senão o Romulo dar-lhe-á um samba com o título: “Chute”. (A Crítica, 21.09.1949) [grifo nosso]

Maria de Lourdes, a **melhor cantora da planície**, fez uma reentré notável e grandiosa, domingo último na Maloca, quando de sua apresentação ao povo que a **consagrou nas urnas como a mais perfeita**. (A Crítica, 01.10.1949) [grifo nosso]

Lelia de Souza voltou a cantar. Entretanto o fato não **coroou de êxito** por uma razão muito simples. Falta de ensaio! (A Crítica, 20.05.1950) [grifo nosso]

As comparações entre cantores e entre conjuntos eram explícitas e um tanto desagradáveis publicamente pela forma de maldizer e julgar. Talvez também a escrita do A Crítica tinha o propósito de se contrapor ao Jornal do Commercio que não trazia tais comentários em suas notícias, uma forma de conquistar o público para a leitura de um imaginário real mais risível, adquirindo público e venda do jornal. Ou seja, a própria imprensa tem seus meios de consagração e trajetórias dentro de uma padronização-individação.

Tentar compreender uma carreira ou uma vida como uma série única e em si suficiente de acontecimentos sucessivos sem outro elo que não a associação a um “sujeito” cuja constância não poder mais que a de um nome próprio socialmente reconhecido é quase tão absurdo quanto tentar explicar um trajeto no metrô sem levar em conta a estrutura da rede, isto é, a matriz das relações objetivas entre as diferentes estações. (BOURDIEU, 1996, p.292)

As trajetórias de sujeitos, de grupos ou de instituições estão entrelaçadas como a trama de uma rede. As comparações são para reconstituir a estrutura do campo artístico, dando valor mais para um e subjugando outro, como nas notas seguir:

Maria Neyde dia a dia torna-se a **sambista mais perfeita** da planície, **enquanto sua colega** de prefixo Ilka de Souza **decai sensivelmente** graças aos tons altos e baixos. (A Crítica, 26.10.1949) [grifo nosso]

A frequência estava um tanto reduzida, embora o programa corresse as mil maravilhas como o entusiasmo dos espectadores, **as interpretações mas e boas dos**

V Simpósio Internacional Música e Crítica  
Centro de Artes – Universidade Federal de Pelotas  
22-23 de novembro de 2021

**artistas em desfile** e a **desastrosa atuação do regional**. A “nota” negra do programa de sábado da maloca, foi sem dúvida mais uma vez, a **irresponsabilidade de alguns elementos** que compõem o Regional. Não é de hoje que salientemente esse regional dá mostras de inteiro **descaso ao espectador e ouvinte**, acompanhando pessimamente assim como costuma entrar incompleto, levando de início trez, logo após quatro, termina com cinco rapazes. Esse “tal” regional é sem dúvida a calamidade da “associada”, precisando de um corretivo a altura de parte da direção da referida emissora. (A Crítica, 17.10.1949) [grifo nosso]

O regional Mariuá é sem dúvida alguma **um dos melhores conjuntos** acompanhantes do norte brasileiro, graças ao bom entendimento entre os comandados de Maximo. (A Crítica, 21.10.1949) [grifo nosso]

O dever profissional e o senso da responsabilidade, são as vagas mestras do crescente progresso e da vitória indiscutível dos moços componentes do Regional Mariuá da Difusora. [...] Apelamos desta coluna para que os rapazes componentes do **regional “associado”**, tenham como guia, **aquele seu colega respeitável**, músico de escol e cavalheiro 100% cômico de seus deveres, o impoluto Chiquinho do contra baixo, um atestado fiel do dever profissional. (A Crítica, 04.08.1949) [grifo nosso]

Nesse jogo acontece a consagração, a audiência, a venda do produto cultural, pois a organização da estrutura determina o sentido e o valor, havendo deslocamentos, substituições, ascensão e declínio.

## VALORIZAÇÃO DO ELENCO

A valorização do artista não tinha responsabilidade somente do ouvinte e do espectador, a estrutura do sistema de radiofonia em Manaus tinha a função de dar suporte e impulsionar os artistas. A estruturação da consagração dependia de um circuito, muitas vezes era fechado para valorizar a audiência. Na nota abaixo, aborda sobre a valorização dos artistas quando as condições econômicas das emissoras foram ficando difíceis, os cachês não se comparavam com os dos artistas do sul. Para o artista local que vivia do trabalho nas rádios, as oportunidades não poderiam ser dispensadas.

A **Orquestra** que presentemente atua na Festa da Mocidade, não é nenhuma especialidade **comparada á Tabajara**, Carioca, Tuoy ou outra congênere **lá do sul do país**, mas, no entanto, tem se mostrado regular e por esforço de seus componentes. (A Crítica, 04.11.1949) [grifo nosso]

Durante muito tempo, os nossos **artistas**, valores que **aqui vivem e aqui permanecem**, ficaram **jogados** para um canto, como **elementos imprestáveis** e agora, que o homem está quase no “mato sem cachorro” a “turma de casa” vai voltar a ser o **“melhor prato do dia”**. Quando há **abundância artistas com maletas** cheias de rotulagem de Hoteis e de Pensões e chegam aqui de avião, os pobres cantores e cantoras, **são jogados para um canto como inúteis**, ou outra coisa qualquer. Infelizmente, em Manaus, uma sociedade com o título de Associação dos Radialistas do Amazonas, criada unicamente, para servir de ponto de apoio a muita gente que não serve para outra a não ser o de parede onde são fixados cartazes de

V Simpósio Internacional Música e Crítica  
Centro de Artes – Universidade Federal de Pelotas  
22-23 de novembro de 2021

todos os tipos de todas as espécies. Enquanto perdurar esta **falta de compostura dos “maiorais” da célebre ARA**, que talvez nem exista mais, os valores da terra, serão sempre, quando estiver aqui, “cartazes” de fora, esquecidos e o **nome do Amazonas artístico** viverá “**dormindo eternamente em berço esplendido**”. A vida tem dessas coisas. (A Crítica, 09.12.1949) [grifo nosso]

O negócio é que para os lados daquela emissora, **não se olha para o lado educativo do rádio e sim lucrativo**. Ali o que **imperava é o cruzeiro**. Até mesmo os programas infantis que eram feitos pela “mais “poderosa”, com a instalação da Festa da Mocidade foram relegados a um canto. Que a direção das emissoras, **voltem as suas vistas** para este setor educativo do rádio e tornem a **organizar audições de novos valores** para que possamos então, **mostrar aos que nos visitam** e aos que **nos ouvem lá fora**, que aqui também encontram-se **elementos capazes de elevar ainda mais o nome do Amazonas no setor artístico**. (A Crítica, 22.12.1949) [grifo nosso]

De acordo com a radialista aposentada Jerusa Santos (2012), que trabalhou na Rádio Baré de 1955 a 1966, os elencos das rádios não eram fixos, os artistas eram chamados quando tinha um cantor nacional e eles faziam o pré-show: “Não tinha um *casting* fixo, só quando vinha um artista de fora que o pré-show quem fazia era o artista da casa. Não era fixo, só chamava para fazer apresentação, como a banda do Domingos Lima.” (SANTOS, 2012)

### Considerações

Neste período citado, o elenco poderia ter outra função ou mesmo a concepção começou a mudar: os artistas começaram a fazer seus próprios trabalhos particulares, os clubes estavam realizando mais shows, a organização da estrutura cultural do meio artístico também modifica ao passo que os espaços se alteram e assumem novas funções.

As regras da arte são claras e evidentes num processo de construção de trajetórias, da idealização e concepção da prática artística, da subjetividade das representações individuais e coletivas e das relações existentes dentro do campo correspondente.

### Referências:

BASTIDE, Roger. **Arte e sociedade**. Tradução de Gilda de Mello e Souza. 3ª edição. São Paulo: Editora Nacional, 1979.

BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário**. Tradução de Maria Lucia Machado. São Paulo. Companhia das Letras, 1996.

GADAMER, Hans-Georg. **Hermenêutica da obra de arte**. Tradução de Marco Antônio Casanova. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010. NETO, Aristóphano Antony. **A Rádio Rio Mar**. Entrevista concedida a Lucyanne de Melo Afonso no dia 04 de março de 2017.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Tradução Bernardo Leitão et al. 7ª edição revista. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.



V Simpósio Internacional Música e Crítica  
Centro de Artes – Universidade Federal de Pelotas  
22-23 de novembro de 2021

SANTOS, Maria Jerusalém dos. *O rádio em Manaus na década de 1960*. Manaus, UFAM, 06 nov. 2012. Registro sobre o cenário musical em Manaus na década de 1960. Entrevista concedida a Lucyanne de Melo Afonso.

**COLUNA no DIAL.** A Crítica, 04 ago. 1949, p.03.

**COLUNA no DIAL.** A Crítica. 16 set. 1949, p.03.

**COLUNA no DIAL.** A Crítica, 21 set. 1949, p.03.

**COLUNA no DIAL.** A Crítica, 01 out. 1949, p.03.

**COLUNA no DIAL.** A Crítica, 07 out. 1949, p.03.

**COLUNA no DIAL.** A Crítica, 17 out. 1949, p.03.

**COLUNA no DIAL.** A Crítica, 21 out. 1949, p.03.

**COLUNA no DIAL.** A Crítica, 26 out. 1949, p.03.

**COLUNA no DIAL.** A Crítica, 08 nov. 1949, p.03.

**COLUNA no DIAL.** A Crítica, 10 nov. 1949, p.03.

**COLUNA no DIAL.** A Crítica, 04 nov. 1949, p.03.

**COLUNA no DIAL.** A Crítica, 09 dez. 1949, p.03.

**COLUNA no DIAL.** A Crítica, 22 dez. 1949, p.03

**COLUNA no DIAL.** A Crítica, 18 jan. 1950, p.03

**COLUNA no DIAL.** A Crítica, 20 mai. 1950, p.03.

**COLUNA no DIAL.** A Crítica, 04 ago. 1950, p.03

V Simpósio Internacional Música e Crítica  
Centro de Artes – Universidade Federal de Pelotas  
22-23 de novembro de 2021

Lucyanne de Melo Afonso: Docente Adjunto da Universidade Federal do Amazonas, Curso de Música, Faculdade de Artes-FAARTES. Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia UFAM (2019). Possui Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia, pelo Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia - UFAM (2012), especialização em Música na área de Musicoterapia pelo Conservatório Brasileiro de Música - CBM/RJ (2003) e graduação em Licenciatura Plena em Educação Artística - Música pela UFAM (2001). Atua nos seguintes temas: educação musical, música e saúde, musicologia histórica e sociedade e cultura/música na Amazônia. Coordenou o III Simpósio Internacional de Música e da equipe de organização dos Congressos da ABEM (2017), ANPPOM (2018, 2020) e FAEB (2019) realizados em Manaus, foi vice-coordenadora do curso de Música no período de 2014 a 2020, coordena o Laboratório de Musicologia/Educação Musical e Coordenadora Acadêmica da Faculdade de Artes, UFAM.

Rosemara Staub de Barros: Docente Titular da Universidade Federal do Amazonas - UFAM, lotada na Faculdade de Artes/FAARTES. Coordenadora do Mestrado Profissional em Artes/ProfArtes - IES Associada (UFAM/UEA). Pesquisadora credenciada no Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia/PPGSCA/UFAM. Presidente da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música/ANPPOM (2020/2021). Possui doutorado em Comunicação e Semiótica pela PUC/SP (2002), Mestrado em Artes (Música) pela UNESP (1996) e graduação em Educação Artística (Música) pela Faculdade de Artes Santa Marcelina (1980/1982). É líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Música na Amazônia e do Grupo de Estudos e Pesquisa em Processos de Criação em Arte. Na pesquisa, têm experiência na área de Artes, com ênfase em Arte-Cultura, Arte-Educação, Artes Visuais e Educação Musical, atuando, principalmente, nos temas de pesquisa: Processos de Criação, Crítica Genética, Arte-Educação, Semiótica da Cultura e Educação Musical.